

Brasil pode conseguir dilatação do prazo de pagamento da dívida

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Os banqueiros credores do Brasil não estão particularmente motivados para o acerto de um acordo plurianual nas negociações que começam este mês, nos Estados Unidos, sobre a dívida externa brasileira. No máximo, o Brasil vai conseguir uma dilatação de um a dois anos nos prazos para pagamento, informou a O GLOBO um banqueiro americano que participa das negociações e das reuniões do comitê de assessoramento dos credores sobre a dívida externa brasileira.

— Estamos esperando até o dia 19 para ver o que ficará acertado com o Clube de Paris. O Seixas (Antônio de Pádua Seixas, Diretor da área externa do Banco Central) esteve aqui no Natal, mas nada foi acertado nem discutido. Ele apenas negociou a amortização dos principais de 85 e 86, com pagamento já vencido. A questão do Brasil aqui vai ser dura e delicada. Estamos querendo ver como o País vai fazer para pagar de US\$ 700 milhões a US\$ 800 milhões de atrasados para o Clube de Paris”, diz o banqueiro.

Esta mesma fonte garante que Seixas, em sua viagem natalina, não conseguiu acertar nada, pois o Brasil ainda não tem formulado uma proposta em termos de novos prazos, taxas de risco a serem pagas ou mesmo quanto à

necessidade ou origem de dinheiro novo, a ser solicitado pelo País no mercado mundial. O comitê dos credores brasileiros, chefiado por Willian Rhodes, do Citibank, não tem sequer data marcada para próxima reunião. Enquanto os juros decorrentes da dívida externa brasileira - em torno de US\$ 1 bilhão por mês - continuarem sendo pagos em dia nada preocupa muito os banqueiros, já que a taxa de risco paga pelo País é de 1,25 pontos percentuais acima da Libor, ou seja, meio por cento a mais do que paga o México, que sempre atrasa o pagamento dos juros.

— Ninguém sabe de dinheiro novo — garante a fonte. O que temos em mente é cofinanciamento, com empréstimos de instituições como o Banco Mundial, BID, etc. Dinheiro só dos bancos não foi pedido e o assunto não está na agenda.

Os banqueiros querem também que o Brasil use suas reservas para o pagamento dos juros mensais, além de tentar crescer em bases sólidas, já que se recusa a recorrer ao aval do Fundo Monetário Internacional.

Se a opinião do banqueiro credor pode ser tomada como uma idéia do que aguarda o Preisdente do Banco Central, Fernão Bracher, em Nova York, e que sem planos definidos com números exatos, se repetirá a situação dos últimos três anos, período em que não entrou no Brasil nem um dólar novo proveniente de bancos estrangeiros.